

AQUILINO RIBEIRO

LÁPIDES PARTIDAS

Prefácio de
ANTÓNIO VENTURA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

I

Meio sonâmbulo, flutuando na golfada de passageiros, vi-me fora do cais, no terraço superior da estação, enrodilhado a Patarroxa. Mas o rival mal-afortunado sorria-me, a cintila verde dos seus olhos a faiscar optimismo, o seu grandioso nariz romano luzente de bonomia. Quis ainda fugir-lhe, tendo-me revisto, num relâmpago de autodissecação, amarrotado de corpo e alma depois duma noite em claro na terceira, a cheirar à pategónia, pendurada do dedo a bolsinha com a roupa branca, destas bolsinhas de chita, atestado de desgraça que o emigrante português passeia pelo vasto mundo. Ele, janota acabado, sopesando a *valise* de coiro com um à-vontade supremo que me enchia não sei se de inveja somente, se de inveja e rancor, por detrás da luneta sem aro, de vidros espessos, continuava a sorrir.

Dera-se o caso que, havendo-nos encontrado lá para Muxagata, calcanhar do mundo, e trocado um olhar rancoroso de lambisqueiros que se surpreenderam a cobiçar o mesmo pomo, voltámos costas um ao outro. Depois, imprevisivelmente colocados face a face nos vaivéns dum entroncamento, tínhamo-nos cumprimentado com fria polidez, e por um faceto acaso ali estávamos agora, se não fraternizando, até certo ponto fazendo tábua rasa do nosso *casus belli*.

Insensivelmente, como potências que se sentam à mesa das negociações, chegámo-nos para o gradeado do alpendre. Patarroxa, a diferir o ajuste de contas, estendeu o braço... Era para o casario, herpes gigantesco, monstro devorador das ledas pastagens, oiteiros

e campos cheios de zéfiros e fontes, onde, ao tempo que apareceu Ulisses na sua nau côncava, faunos e zagalas indígenas armavam descuidosas danças de roda ao som da frauta e do tamboril. E, sugestionado, deixei singrar olhos pávidos.

*És tu, nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras és princesa?*

Um largo trecho da cidade empinava-se a oriente. Tão caótica como variegada, a vaga urbana remontava para a Graça e Costa do Castelo, alastrando, ao que alanzoava Patarroxa, para outros vales e colinas, pois se lhe conheciam tantas como os pecados mortais. Encosta fora, eu via-a avassalar cerros e pradozinhos — que minha imaginação ossificava arrasando seus prédios abomináveis —, enovelar-se aqui e além em quarteirões alterosos, dominadora e soberana. Mas era sobretudo o que se escondia, para além do espinhaço dos visos, no seu desdobre de bicha-de-sete-cabeças, que me causava confusão... e angústia. E nada mais que defronte dos bairros toucados do sendal roxo da manhã, eu devia parecer-me imenso com aquele patricio, mestre Alonso, de Aguiar, quando de dedo no gatilho, abrigado por detrás dos vidoeiros, ansioso, testarudo e encomendando a alma a Deus, esperava que a descuidada e medonha cabicanca lhe passasse na área de tiro.

Patarroxa, um tanto para se vingar da minha bisonha paisanaria, outro tanto sob o império da cordialidade, foi ciceronizando conceituoso ou mordaz. Eu prestava ouvido semidesatento, o tal ouvido está-se-marimbandista de mercador. Sobre a direita apoucava-se o horizonte com uma espécie de biombo, longa fiada de saguões pespegada a quatro passos do nosso nariz. Toalhas de cozinha e envoltas de bebé flutuavam ao vento penduradas às janelas de triângulos de corda. Uma trunfa, dois olhos pretos e um tapete estralejava num balcão de quarto andar, bate que bate. Era infeliz e sem originalidade.

— E isto, Patarroxa?

Geométricas e cor de ardósia, as traseiras de tais prédios, perfilados a oriente, formavam com as dependências da estação, utilizadas pela Alfândega, um autêntico pátio dos bichos. Ouvia-se o grulhadoiro. À volta, com efeito, de dois cestos e um fardo sarabandeavam densas

alcateias de carroceiros com as pilecas ao lado a rezar. A densidade asiática das grandes cidades e a fúria selvagem de viver palpitavam nesse e noutro painel: um bando de galfarros que disputavam a um parrana o seu baú de lata no fito decerto de o aliviar dos cobres que trazia da parvalheira. E graças a esta comédia à Pickwick uma ideia londrina e displacente da urbe, que os Fenícios em sua linguagem florida baptizaram de amena e luminosa, começou a infiltrar-se no meu entendimento. Mas o sol rompeu à espalda dos montes recortados em face por empenas, torres, coruchéus, mais cru e marcial que a ária duma fanfarra. Um campanário, dourado desde o galo aos sinos, era duma graça abstracta, ideal, como palanquim carregado de anjos a trepar para o céu; um zimbório de palácio, sob a explosão solar, tinha ao meu espírito ensopado de Velho Testamento o seu quê de Sinai. As sombras, a vaga crassidão das coisas deixada pelo tempo e a noite, diluíam-se. E o tropo-galhopo de ângulos absurdos, de panos azulejados até o horror, de mansardas desequilibradas no espaço tornou-se em seu fraldejado manto de cigana um universo de alegria: Lisboa!

*Ó Lisboa das naus, cheia de glória,
Ó Lisboa das crónicas.....!*

Em semelhante sarapatel, sem outros claros além da ravina que separa os dois morros, saía mentida a frase pitoresca de Castilho, com que me azabumbava Patarroxa:

— Vedes vós aquele monte que leva às costas a sua rede de ruas velhas? É a Lissibona árabe.

Com efeito, fora bem um cego a ver com os olhos da fantasia a trama do arruado, já que por cima das cumieiras não se divisava mais do que a babel do casario em seu selvático empastelamento de tintas e de volumes.

Patarroxa, depois de me dar uma sucinta desemburradela em ruas, praças e curiosidades ulissiponenses, despedia-se. Não podia faltar às primeiras aulas. Adeus!, adeus! O director era uma fera. Mandasse, Colégio Verney, telefone 282.

Era, não podia deixar de ser, um subterfúgio, paragana do ciúme de rival sem sorte e, com isso, frouxidão, que também podia ser delicadeza,

em não reviver o cartel. Mas eu, já risonho, arrefecido também em meus propósitos de despique, segurei-o pelo botão do paletó:

— Ouça lá, Humberto... Sabe-me dizer onde é o Largo da Achada?

— Largo da Achada...? Largo da Achada... não me ocorre agora onde é. Pergunta-se. Homem, quem tem boca vai a Roma.

Descemos a rampa. Patarroxa assobiava o *Cygne fidèle*. Pelas Escadinhas do Duque e Calçada do Carmo vinha mais e sempre mais gente, de toda a extracção e feitio, marchando grave, pincharolando, rebolando, e nos voejos agora e logo da lençaria feminina e no coco do senhor ventruado e importante eu não me cansava de admirar Lisboa. Como da primeira hora em que arribei a Lamego, «lugar forte por arte e natureza, com tanta reputação entre os estrangeiros que Ptolomeu a titulava cidade maior de Espanha», afigurava-se-me tudo extraordinário, soberano, e olímpica a mais não poder ser a fauna alfacinha.

Em baixo, densa população enxameava uma larga praça. Patarroxa, que não perdia pitada quanto a sobrancear-me, com mais envaidecimento do que se tivesse sido ele o calceteiro, chamou-me a atenção para a maneira como era empedrado aquele precioso Rossio: ondas pretas e brancas, representadas por meias-luas alternantes de calcário e basalto, que iam rolando, rolando umas sobre outras em ritmado galão. E eu, com a ufana ousadia dum ocupante, fui pisando esse interminável mosaico de curvas e contracurvas, de modo a produzir a imagem, inocente imagem, do mar alto. Ociosos de grande gaforina e *lavallière* ao vento, e pobres com ar de vates mal repastados repimpavam-se nos bancos de pedra. E *a priori* dei por confirmado um velho juízo meu, juízo, verdade se diga, que poderia prevalecer-se da benditosa largueza com que a Santa Madre Igreja marchetou o calendário de dias santos, de que na capital para muita gente boa a maior parte da semana era domingo.

Betesga fora, deslizavam carros eléctricos pintados dum amarelo de ovo magnificante. E a tilintada surpreendia o meu ouvido, afeito aos sinos de S. Francisco, à campainha dos Viáticos, e ao tintinábulo das vacas que, retoicando nos pastos ou marchando pelos caminhos velhos, entornam no silêncio, que enche a terra como a água enche um açude, a sua gota melada de oiro e cristal. E que diferença! Na

minha serra, uma tarantela humilde como pétalas de esteva ao vento; aqui, sons imperativos e ásperos, policiais. À compita, os lépidos e rotos ardinias brandiam, como mirmidões, as gazetas da manhã: «*Século! Mundo! Cá está o Mundo!*»

Era a hora de entrar para *ateliers* e armazéns, e raparigas lirós, muito compostinhas, dizia Patarroxa que *midinettes* de todo, passavam, impregnando-nos da cirandada graça de seus meneios. Patarroxa, cem por cento alfacinha, afora o berço, que caminhava o mais depressa que era lícito a um bacharel em Direito, neto de fidalgos e dons priores, batia-me a todos os pontos. Onde ia Estefânia, cara-metade do Menelau de escada abaixo Miguel Baila Taralhão Morrafora Galafura de Malafaia?

Toda esta paisagem humana, de par que me enchia de estranheza e de turbção, dava-me ao mesmo tempo orgulho por me ver ali, encontrar-me a pisar as pedras tantas vezes faladas nos livrinhos que o mestre-escola nos metia a cacete na cachimónia.

Logo após a vibração espiritual do primeiro contacto, entraram os sentidos a exercer-se. A que é que me cheirava Lisboa? Marche que marche ao lado de Patarroxa, aspirando os ventos, não descobria a que cheirava Lisboa, embora não me fosse de todo desconhecido aquele cheiro. Não era o odor das capitais do distrito, meio de murtinhos, meio de cadáver embalsamado, menos que de poço de curtumes. Tampouco o das aldeias à roda de S. Francisco: água choca, fumo de rama verde de pinheiro, flor de macela. Era uma fragrância que tinha partículas de metana, pó-de-arroz barato, salsugem de mar, ambiente de *afrodision*, e perfume de jardim, um jardim de muitas rosas esflorado pelo vento. Indefinível, no entanto trespassava-me como se à minha pele se colasse outra, acariciante e salitrosa por igual.

— O senhor José Elias teve aqui um quarto, teve, sim senhor — respondeu-nos no Largo da Achada, segundo, uma dama adiposa, de bata até os pés e cabelo em trança. — O senhor José Elias é-lhes alguma coisa?

Patarroxa abriu os braços. Eu disse:

— Nada. Fomos contemporâneos no liceu.

Ela mediu-nos da coroa da cabeça aos bicos dos sapatos e, convencida da nossa sinceridade, tornou:

— Na Rua do Crucifixo, cento e dezasseis, poderão informá-los. — E depois dum segundo de circunspecção: — Olhem, se lhes não custa, façam o favor de lhe lembrar que me deve três meses de quarto e duas notas na engomadeira...

Desci mais tranquilo quanto aos sarcasmos de José Elias, que à minha imaginação se representava cintado no dólman de cadete, galantim e soberbo, mas não caloteiro.

Em baixo, Humberto Patarroxa estendeu-me a mão, mão impaciente de quem se vê atrasado em suas horas. E, já se afastara uns passos, voltou atrás a renovar o oferecimento dos seus préstimos: se precisasse alguma coisa, fosse procurá-lo ao Colégio Verney, Campo Grande. Era certo lá até ao meio-dia. Mas tomasse tento, política à porta. O director era o raio dum homem peguilhento, bota-de-elástico em política e religião, e que não ia muito à bola dos republicanos. Para mais, *cocu* furibundo. Estava a perceber? Ainda não tinha casa... o problema apresentava-se-lhe bicudo. Sem uma cama razoável, uma tina e um *maple*... mas o que se chama um bom *maple*, nada feito. Onde é que se encontrava em Lisboa um cochicho com estes requisitos?

Patarroxa coibia-se de me perguntar o que é que vinha fazer a Lisboa, embora eu sentisse a curiosidade aflorar-lhe na fisionomia com uma transparência teimosa. Magnânimo, como quem lança ao vento do olvido os agravos antigos, desespartilhei-me, avançando que o nosso comum amigo *Velbinba* me tinha arranjado um emprego — patranha rotunda. E embora eu lesse nos seus olhos, muito embebidos nos meus, que não acreditava, trocámos um aperto de mão, franco e sem mais reservas.

Patarroxa era tudo quanto naquela hora me ligava ao passado, à minha serra, me cimentava sobre mim mesmo, e ao vê-lo ir tive a impressão que me desagregava e diluía num meio ácido e contrário. Este Patarroxa é que se achava em Lisboa como peixe na água. Filho dum escrivão de direito, que viera do rochedo açoriano exercer funções para o continente, formara-se em Leis na Universidade de Coimbra, mas a vocação dele estava longe do foro. O seu diploma repousava intáctil no canudo de lata. Insatisfeito, artista, não te rales sobretudo, hipotecaria a alma por uma récita em S. Carlos. O ofício mais compatível com os seus conhecimentos e disposição de ânimo

era ainda o professorado. No Colégio Verney regia História e Francês e constava-me, não sei de que fonte, que fazia traduções para as livrarias. As férias passava-as na terra adoptiva, onde o pai ia curtindo os dias, regalando-se com a burundanga de pitéus e de amigas que lhe levavam o melhor dos réditos de aposentado. No mês de Setembro encontrara-o em Santa Maria das Águias a cortejar Estefânia. Mas era mais cerebral que homem de instinto, e mulheres daquele topete não navegam muito em tais mares. A intromissão não constituíra sequer uma ameaça, mas o ressentimento acendeu-se de parte a parte.

Patarroxa desapareceu no fundo da rua, e fiquei só no meio dum mundo zumbidor, estranho e magnífico. Pouco a pouco deixei-me penetrar, em tal soledade, primeiro do sentimento da minha pequenez, depois da melancolia do homem perdido no meio da multidão, que é o mesmo que perder-se em pleno e cerrado deserto. E acabei por entregar-me ao lazaronismo tão delicioso da falta de vontade. Errando pela cidade desconhecida, Rua Áurea em fora — que lindo e sortilégio nome! —, extravasou-se toda a timidez do meu natural montesinho. Atarantavam-me aqueles alizares de mármore e de granito — como facturou Herculano — e nas lojas e lojecas tafuis os caixeiros de especiosa trunfa e mãos alvas, cheios de si como heróis mussetianos. De rua em rua fui dar ao cais, em cujo brancor se diluía por óptica reversão um pouco de anil-mate das águas. As gaivotas entregavam-se a altas e imprevisas sarabandas, e ao espadanar de suas rémiges por baixo dos cirros ou por cima, não se distinguia bem, eu tinha a impressão de que eram gazes, gazes finíssimas que elas andavam esgarçando com a carda pentadátula dos pés.

A Outra Banda, com o polvilho de suas aldeias a luzir a todo o largo da margem, com a carcaça medieval do Castelo de Palmela à direita, a Arrábida lilás de Frei Agostinho da Cruz à esquerda, dizia-me, nada mais que no hausto revessado de sua amplidão, que o mundo não é tão pequeno como o representava a esfera armilar franciscana por que aprendi geografia.

Mas eu, padecesse muito embora mais trabalhos que os argonautas, havia de descobrir o paradeiro de José Elias de Sande — o meu *Velbinha* do Liceu de Lamego, terrabinto e má cabeça, benjamim dos Sandes de Riodades, fidalgos de meia-tigela, com fama de arruinados,

mas de pulso sempre façanhudo tanto a domar um potro bravo entre os joelhos como a deslindar pendências pelas feiras a vara de marmelo, aquelas varas, estonadas ao forno, para correctivo de calcetas. E, retrocedendo sobre os meus passos, fui dar segunda vez à inferneira do mercado. A gentiaga que se atropelava aos balcões, a zaragata, o fêrvido *salutaris* ao deus do ventre, os mil rictos das colarejas e criadinhas de servir de avental branco e sinalinho no queixo, actuando sobre o meu estômago em jejum, criaram em mim um estado de vácuo e insuportável desânimo.

Andei, tornei a andar dum lado para o outro como um colóide que perdeu a faculdade de reacção. Da Rua do Crucifixo remeteram-me com jeito brando — o que me espantou — para o restaurante do Passarinho Assado, na Travessa da Palha, que era afinal por onde eu devia ter começado, pois que de tal baiúca rezava o endereço que trouxera. Estava a bater o meio-dia, e diante da torça cuja tabuleta chamava com fereza herodiana a clientela vária, sobretudo gente de trabalho, esta que meu bom mestre teimava denominar mecânicos, detive-me, irresoluto. O prédio era igual a um mais acima, a outro logo em baixo, a todos, em geral, os da rua. Alto e estreito, era o acabado caixote de gente, um dos caixotões a pino da construção utilitária, com a mesma ordem de frestas de cima a baixo, salvo que do primeiro andar pendiam para fora dos balaústres da sacada espessas persianas verdes.

Os clientes do Passarinho Assado empurravam uma cancela que era de dois batentes, madeira no rasto, do peito para cima vidraça fosca, e ficavam à vista as duas filas de mesas, com o balcão ao fundo, em que rodopiava a cabeça maciça do tasqueiro sob a pirâmide apoteótica da frascaria. Essa pirâmide era divertida com o seu ar mirabolante de charola e, sempre que a porta se escancarava, eu, para matar o tempo, deletreava os rótulos das garrafas, desde o vinho fino, tarjado sobriamente de ouro, ao *anis del mono*, enramalhetado dos verdes andaluzes e amarelos apopléticos de Sorolla y Bastida.

Postado no asfalto em frente, durante um bom pedaço me entretive nesse gozo: ver entrar freguesia, gente da lide e também gente da moína, carregadores, cocheiros, magarefes, com suas galdripeiras e frandunas. Mas como *o Velhinha* se não dignava mostrar-se, e eu não

viera para quedar ali boquiaberto, tomado de frenesi galguei a escada lóbrega e malcheirosa até o terceiro andar, porta em frente.

Não deu ares de se espantar com a minha aparição, como se fossem favas contadas, o impagável e fero amigo do liceu. Pela greta da porta, em ceroulas e chinelos de tapete, disse-me para o esperar em baixo, no «galego», e rodou, tornando a dar volta à chave. Ao tempo que desandava, ouvi tossicar uma garganta de mulher, e fiquei a admirar o sibaritismo deste felizardo e a invejar-lhe a sorte de cão. Fui abancar à pedra vermelha do Passarinho Assado entre uma matula numerosa, conscienciosamente entregue à deglutição de lulas guisadas à espanhola e cabeças de pargo com batatas, que reconheci a breve trecho constituírem a especialidade da casa.

E não teria decorrido meia hora quando *o Velbinba* surgiu, muito composto, grenha de azeviche apartada ao meio, bigodinho em baioneta, com uma rapariga em cabelo, de cravo rubro picado na blusa de Bruxelas, entumecida pelo opulento «patriotismo», e barradíssima de pinturas. Sentaram-se a par de mim com uma airocidade de maneiras que se me afigurou a última palavra do bom tom. E *o Velbinba*, depois de trocar comigo insignificantes monadas, dobrou-se para o prato, mudo e metucioso. Reparei, espreitando de soslaio, que tinha refinado. Manejava o garfo com rara distinção, pretexto talvez a exhibir o belo anel de camafeu no dedo afilado, longe dos velosos e tronchudos dedos da estirpe, fugida à esbeltez aristocrática pelo governo da rabiça e da enxada. Os seus lábios eram finos, mais finos do que aquilo que acusava a imagem a que me afizera desde os tempos de Lamego, se é que a vida lhos não estilara. Alto e direito do tronco, flexuoso no andar, carão sobre o comprido picado das bexigas, era o homem feio que as mulheres adoram. Olhar um tanto parado mas sem obsessão, por esse olhar e não sei por que mais dava-me agora ideia daqueles oficiais estabados e tomba-lobos, pintados por Tolstoi nas novelas do Cáucaso, que o senhor Chinoca tivera ultimamente a bondade de me emprestar.

À socapa, também, fui observando a moça, que comia menos reitadamente que José Elias, e não era de deitar fora, olhos grandes e humildes de vaca de estábulo, e o seio trémulo, escandalosamente trémulo de monte de nata. Mas tinha certas maneiras soltas, um desnalgamento de frase e de gestos, que traíam para mim, sem que o fosse jurar, para

mim que nunca tivera trato com semelhante casta de mulheres, salvo a Micas, Santa Maria Egipcíaca lamecense, a *fille de joie* plebeia. O revelador eram as mãos, mãos polpudas, embora nada pesadas, deixando ver por baixo da flácida brancura os calos de quem desterroou a leiva e apertou o vencilho a muito molho de sargaços.

Como, modo de mostrar o meu apreço, a José Elias, admirasse não lhe ver a farda, «aquela catitíssima fardinha de cadete por que se pelassem as pequenas desde a Estefânia aos Douradores», declarou-me, sem erguer olhos do prato, que deixara a Escola do Exército. Se voltaria ou não, estava ainda para se ver.

— Essa é de cabo-de-esquadra! — exclamei eu, acrisolando o interesse.

— Era uma chatice. Queres maior danação que a tropa? Sempre um homem ao cabresto, tolhido de ter vontade, autómato puro!... Ernestina, os *calamares en su tinta*, já sabes, fazem-te azia. Pede outro prato...

Notei que o meu antigo condiscípulo pronunciara as suas razões de afogadilho e à sobreposse, e que buscara aquela derivante da alimentação como quem salta para o lado dum atoleiro em que perde o pé. Calei-me, visto ele virar a sombrio, não olhando para mim, nem se importando já comigo. Fora desastrado, saltava aos olhos do entendimento. Mas eu, graças a estas pequenas solitudes que é fortuito ter à mesa redonda, passando-lhes o jarro da água, pondo o saleiro ao seu alcance, cruzando com eles um sorriso de aplauso sempre que o *Velhinha* jogava a sua facécia ao galeguito que nos servia, e me soavam a ironias platinadas, acabei por fazê-lo desembuchar e reconduzi-lo à sua amenidade.

— Esta espelunca era dum galego — disse ele. — Para um cidadão de Porriño dos tais que escreviam à mulher: «A terra é boa, a xente é tola; a auga é deles e nós vendemoslla», não ia mal de todo. Às vezes o bife era adubado com margarina, mas era bife. O galego regressou a penates depois de trespassar a casa a um português de Vale de Ladrões. Pronto, o bife agora é de sola e, quanto a tempero, sebo... e mesmo sebo de grilo. Somos todos mais ou menos da terra deste vendeiro.

Como eu olhasse para ele com o ar embaraçado de quem é de todo estranho à matéria para poder aplaudir, ladeou:

— Vens de visita?

— Venho para me empregar...

Provavelmente porque o tom da minha voz lhes soasse a amargura, logo os dois, em especial ela, me percorreram com olhos demorados neste movimento instintivo da simpatia humana, tal como se estivessem a fazer o cálculo dos trabalhos com que teria de me haver até realizar semelhante desígnio. Depois, *o Velhinha* franziu os lábios bem ostensivamente quanto à incerta possibilidade de eu me arrumar. Era como se prevenisse a minha esperança com o lugar-comum: «Sim, se os empregos andassem pelo chão aos pontapés!?» E ia a desinteressar-se de mim, dei logo conta, quando lhe disse:

— Antes de mais nada, tenho de arranjar casa. É o principal por agora, um cubículo onde estire o cadáver. Tu, um alfacinha consumado, não sabes indicar-me uma pensão onde encontre cama e mesa, baratucho...?

Lisonjeou-o a invocatória e, ao passo que a moça me contemplava com aquele ar solícito e enternecido que nunca deixa de revestir nas mulheres o seu instinto maternal diante das pessoas fracas, inermes ou desarrumadas, ele tirava uma fumaça, tirava duas, e era envolto numa nuvem de fumo que proferia, olhos semicerrados, cara de viés para mim, com sainete:

— Casas de hóspedes há muitas. O diabo é que são piores umas que as outras. Olha, aqui perto tens a da Rua do Crucifixo... onde foste perguntar por mim... — E voltando-se para a mulher: — A Dona Flávia terá quarto devoluto...?

Ela ficou imóvel um instante, depois, arregaçando o lábio inferior numa mímica de desdém, sorriu e mergulhou olhos no prato. José Elias volveu, dir-se-ia com propositado retorno:

— Nessa casa comi eu mais dum ano o fiel amigo e a pelanga de vaca. Tem sempre muita gente. A patroa é quase suportável se lhe andarem com a mensalidade em dia. Sem a massinha na ponta da unha, nada feito. Já lá não vou há muito. Não terá quartos, não terá, mas quartos arranjam-se a dar com um pau, é questão de consultar os anúncios do jornal. Vai à Rua do Crucifixo, meu bom; dize que vais de minha parte, que ela atende-te. Não há melhor que ela se lhe souberem cantar...

Entretanto, já o criado, a rogo da mulher que depreendi não saber ler, respigava as colunas do *Notícias* à sua beira, repetindo ela e comentando numa sequela de ladainha:

— «Quarto mobilado, janela para a rua, em casa de pouca família; Travessa das Pedras Negras: três mil-réis.» É uma rua de percevejos. «Quarto para casal, Rua do Carmo, segundo: dez mil-réis.» Caro. «Ao Rato, para homem só.» Longe. «Rua do Passadiço, em casa de senhora estrangeira, não tem mais hóspedes; segundo.» Este talvez convenha, «quatro mil-réis». É ir ver. Hem, não achas, José Elias?

O *Velhinha* puxara de novo da cigarreira de prata e, depois de esboçar e logo desfazer o gesto de me oferecer vendo-me ainda de garfo à boca, proferiu, batendo o cigarro de ponta contra o mármore:

— Qual é o teu ofício, se não sou indiscreto?

Qual era o meu ofício, caramba? Qual era? Lembrando-me das funções que exercera em casa dos Malafaias, acudi, não tão depressa que lhe não pungisse o lábio um sorrisinho sacripanta:

— Estive empregado numa livraria particular. Copiava manuscritos, catalogava...

Mediram-me os dois num lance de olhos, movimento este reflexo quanto a infirmar ou corroborar o meu asserto mercê da intuição de cada um. Depois, ele baixou os olhos sobre o mármore; permaneceu assim um momento, chupou o cigarro, e antes de expelir a fumaça, com ela a evadir-se da boca e das narinas em pequenas hidras de Medusa, proferiu:

— Numa livraria particular, é patusco. Vens recomendado...? Está-se a ver, vens recomendado...

— Não! — soltei com ar peremptório, embora em tom lastimável. — Venho ao acaso...

A mulher arqueou e desarqueou as sobranceiras e, fitando-me no fundo dos olhos como se estivesse mais a ler-me a sina do que a interrogar-me, murmurou condoída, sem se dirigir a nenhum de nós:

— Coitado, sabe Deus os tombos que tem de dar!

Neste em meio o *Velhinha*, possuído dos tópicos do meu intuito, discorria em tom afável:

— Para aí não faltam estabelecimentos da especialidade. O negócio de livros por modos não é mau de todo... para quem vende.

Outrotanto não ouço dizer relativamente a quem os faz. Meia dúzia de escritorecos, com quem me encontro às vezes, andam a cair da boca aos cães. Conheço-os de ginjeira. Hei-de apresentar-te. Olha, o Humberto Patarroxa é que está em condições de te ser prestável. É professor dum filho do Felizardo Langroiva, um dos manda-chuvas das letras. — E acrescentou com certa despicência: — Não me dou com ele... é um pedantório! Encontra-lo aí pelos cafés. Não sei se também vai à Dona Flávia... Creio bem que sim.

— Tem graça! Viajámos juntos, quer dizer, viemos no mesmo comboio para Lisboa. Mas, sim, é um pedantório, pessoa a quem de modo algum quero ocupar... Cá por coisas...

O meu exclusivismo satisfê-lo, porque tornou solicitamente:

— Se bem compreendi, o que tu desejavas era obter serviço em casa particular... com algum bibliófilo...

— Sim, sim, era isso mesmo.

Estacou um instante, como se a delicadeza o tolhesse de expressar o seu pensamento, e num meio sorriso, este sorriso filosófico do homem que vê outro estatelado, emitiu:

— Em suma, vens aos caídos. Há por cá muito disso!

Sáímos juntos. À porta, em plena rua, *o Velhinha* e a pega lambuzaram-se de beijos e, ao tempo que ela largava, escada a cima, casqui-vana e risoteira, reparei que, detrás dos estores verdes, por cima do Passarinho Assado, uma teoria de rostos femininos, em caraminhola de aparato e face carminada, lhe faziam abundantíssimos acenos, amicalmente faceiros. E disse comigo: «Sois da trama!»

— Eu vou contigo à Rua do Crucifixo, mas não to queria dizer diante da Ernestina. É uma ciumenta dos diabos! — proferiu ele, enfiando o braço no meu.

La reconfortado com aquela bizzarria, e animadamente nos dirigimos à casa de hóspedes. Ao passo que no patamar do terceiro, escuro e empestado de fedorentina de gato, premia o botão da porta pombalina à prova de pé-de-cabra, ponderava:

— Apepina-me a patroa, mas não te dês por achado. Sou o seu menino bonito. Chut, eu te contarei... É Fornos de Algodres chapada.

Mal ouvimos interrogar: quem é? — uma cabeça mostrou-se alvissareira e jubilosa, com gaforina meio africana:

— O senhor José Elias?! Ditosos olhos que o vêem! Toda a gente a dizer: morreu, fugiu, já não quer saber de nós, afinal cá o temos. Vem para ficar...?

— Bom dia, Elvirinha, bom dia! Estás cada vez mais bonita. Não, ainda não chegou esse fausto dia, como se diz nos aniversários de Sua Majestade El-Rei. Mas chegará!

Não lhe deu tempo de responder e, deixando de açoutar com o indicador a face da criada, que me deu a impressão de ser franga do seu poleiro, meteu pelo corredor fora, chapéu na cabeça, aos brados:

— Dona Flávia! Ó Dona Flávia!...

Saiu-lhe ao encontro uma mulheraça já adiantada em anos, rebolona, toucada desta pelúcia suja, ruça e inominável que esvurma dos sofás velhos, arrestados na casa do pobre ou remetidos para o sótão no palacete do rico, com dois pêlos na venta duros como arame, os queixais em inacabada operação masticatória. À sua cauda agarravam-se duas meninas, uma, toda vistosa e sobre o galante, com um laçarote vermelho na cabeça, dezoito anos quando muito, outra, feiota, duas madeixas atiradas das espáduas para o seio magro, lábios sem alegria, quinze anos pobres de viço. As três engalfinharam-se no *Velhinha*, prolixas em tagatés e miando. D. Flávia, acalmado o alvoroço e rebuliço dos cumprimentos, apostrofou-o com voz em que palpitava não sei que ácido ressentimento:

— Julguei que estava de mal conosco...?

— Deixe-me cá, Dona Flávia, tenho andado num virote! Ouça, trago-lhe uma boa notícia... Afinal, parece que sempre volto para o exército. Meus irmãos tantas passadas deram, tanta empenhoca meteram que o ministro prometeu deixar-me matricular. Para o ano, está a ver; agora é tarde...

— Sério?! — replicou ela com um metal de voz, jubiloso sim, mas em que transparecia o chocalho do cepticismo. — Fala sério?

— Sério, pois então! Desta vez até o diabo dava estoiro se me roíam a corda.

— Bem, bem! Estou morta por tornar a vê-lo com a bonita farda de sargento-cadete! Nesse dia, queima-se aqui uma caixa de champanhe. Mas é a sério?

— É a sério, pois então, mulher de pouca fé! — exclamou ele como lhe notasse à flor dos lábios aquele sorriso lombardo, produto

tanto do sentimento irónico da miragem como da incredulidade benévola. — E estes anjos, como vão? Como vai esta linda? — E batia com os dois dedos, como fizera à criada, na face da rapariga.

Os anjos, tanto como a D. Flávia, como a Elvira, como eu, eram surpreendidos numa brevíssima pausa a imaginar colado aos ombros largos, proporcionados, de José Elias de Sande e à sua cintura de vespa o guapo uniforme. Mas já as duas, a criada de parte num arzinho sonso de Gata Borralheira, entravam a espenujar-se com todo o dengue e afectuosidade, chilreando cada uma para sua banda a mesmíssima ária:

— Muito zangadas, muito, muito, muito! Sempre a prometer: é amanhã, é depois, e vai em dois meses sem nos levar ao teatro. Mauzão! Por onde é que tem andado? Diga lá, diga, por onde é que tem andado?

Ele rompeu em gluglus, traduzindo para zombaria ledas e amaviosas moganguices, a que elas retrucavam com risadinhas e motetes. Mas, subitamente, José Elias quebrou o grato entremez com revestir um ar sisudo, rosto revirado para mim:

— Trago-lhe um hóspede, Dona Flávia. Arranja-se um quarto?

— Quartos dera-os Deus! — pronunciou ela em seu modismo de Fornos. — Chegaram-me há três dias hóspedes antigos, e não sabia onde os deitar. Tive de pedir ao Bexiga e ao Neves para armar uma cama no quarto de cada um. O Bexiga é acomodado, consentiu de boa mente. Mas o Neves, veja lá o paxá, fartou-se de resmungar...

— Nesse caso, ouça, aloja-se noutra parte e come aqui... Pode ser assim, não pode?

D. Flávia passeou-me com o olhar dos pés à cabeça e, diante dos sapatos que já há dias não tinham sido engraxados, da gravata que não era nenhum primor, das calças que me afligiam com as hediondas joelheiras e da saca de amostras, sobretudo, este odioso apêndice do português da ralé, decerto concebeu a meu respeito uma impressão desfavorável. O mesmo desdém devia ter suscitado nas meninas, que, interrompendo-se por um momento nas festas que faziam ao *Velhinha* para me mirarem e pesarem na sua balança de namoradeiras, logo distraíram os olhos com ar de não presta. A matronaça julgou-se obrigada a dizer:

— Hóspedes só de pucarinho, arrenego deles. Lograda a confiança, atrasam-se nas contas e às duas por três ferram calote. É sempre assim! Mas em suma, por serdes vós quem sois...

D. Flávia sorria-lhe langorosamente, e com uma topetada da cabeça indicava-me como contrapeso da consideração que José Elias lhe merecia. Este então bichanou-lhe qualquer coisa ao ouvido que não era preciso ser Salomão para decifrar: «Trago-lhe este ponto, D. Flávia, mas em matéria de cum-quistas, presteza, pontualidade em esportular-se, o que o merceiro chama ser bom ou mau pagão, lavo as mãos. Sabe, isto são conhecimentos que vêm dos estudos.» Como eco de meu pensamento, ela advertiu:

— O senhor José Elias está ao facto, a pensão é paga adiantadamente...

— Ora essa, minha senhora — apressei-me eu a garantir. — Tanto pago à quinzena como ao mês. Faça favor de dizer quanto é...

O meu rasgo dispô-la bem. Antes de mais nada ganhei a confiança do mediano que desatou com acertado critério:

— Este senhor vem para se empregar. Pague-se da quinzena, Dona Flávia; tenha a bondade. Eu respondo...

Contei de *manu a manu* 7000 réis, uma fortuna ao tempo, e saí às arrecuas, mais satisfeito, se não reconciliado com a vida, sem embargo da javardice da estalajadeira e do farisaísmo do José Elias, tendo lançado amarra no sebo, couve-merceana, requeijão saloio da capital. D. Flávia, as duas miúdas, a delambida da sopa, acompanharam este José Elias, segundo grande Elias, ao patamar, cobriram-no outra vez de remoques e blandícias, gemeram, suspiraram:

— Veja lá se se esquece de nós! Quando nos leva ao teatro? Se lhe parecer, deixe-nos semanas inteiras sem notícias suas! Ingrato! Marau! Gostava de saber quem é que o prende!

Disse-lhe, descendo a escada:

— Safadão, tens aqui o serralho...?

Ele desatou às gargalhadas, grandes cacarejos de galo, e não me tornou outra resposta. Mal pusemos pé na rua, disse-me:

— Vais encontrar nesta casa uma bicheza mais variada que no Jardim Zoológico. O Bexiga, em que falou a Dona Flávia, é praticante de farmácia e orador de comícios. Quando se inflama, vem-lhe espuma

ao canto dos lábios, sinal da sua alma apopléctica. É inofensivo. O Belisário Malhão é um velhote que usa gabão de Aveiro e botas à Frederica, adquiridas, há quem julgue, no espólio de Camilo, porque o homem é das bandas de Fafe. Não tem profissão própria, ou por outra, tem todas as profissões, visto que é faz-tudo. É um vegete muito esquisito, bastante misterioso, espécie de tesoureiro dos revolucionários, explorando uns, caloteado por outros, especialmente pelos malandrões.

Calou-se um instante a farejar uma linda mulher que passava.

... Havia de relacionar-me com outro velhote, esse compendiosamente pitoresco, de cabelo em piaçá, primeiro-caixeiro da Eurásia: *tout court*, o senhor Silva. Papagaio real. Mas veria outros exemplares, hilariantes de todo, um Maldonado com cara de César da decadência, protótipo do pinga-amor lisboeta, que há quinze anos namorava uma carochinha da Estefânia e era fixe ao gargarejo das oito à meia-noite. Novos amantes de Teruel, casariam à data em que o patrão lhe subisse o ordenado, um dia... tal ano... quando caíssem os dentes a ambos. Veria um autêntico salafrário, o senhor Abúndio Passos de Lobão, meio jornalista, meio amanuense. Olho nele, que não era seguro das unhas. Tivesse também cuidado com dois ou três sujeitos que não perdiam o ensejo de meter o focinho no prato e não diziam bus. Que mais não fosse, levavam-me o melhor bocado. Mas em casa da D. Flávia havia de tudo: um coronel reformado que andava melancolicamente a passear pelas mil casas de hóspedes da capital uma minotaurização estupenda; o empregado dum armazém de cordas ao Benfornoso, que catrapiscava a Irene, a rapariga que eu acabava de ver... a bonitota; acratas; miguelistas; e revolucionários em barda; um Bemposta; um Roliça; criaturas com quem se dava... com quem metia às vezes palhinha... mas que para não haver confusões tratava à devida distância, alto lá, como os guardas do Jardim Zoológico aos tigres-reais. Se professava ideias subversivas ou simplesmente inconformistas, muita cautelinha... desconfiasse de todos... Não me deixasse comer o caldo na cabeça...

Fiz um gesto de confirmação. Ele atalhou, depois dum instante de silêncio, absorvido a espreitar agora a serigaita que acabava de contornar a esquina da rua e vinha para nós:

— É verdade, tu estiveste preso no Castelo de Lamego quando foi da questão Calmón...? Mas prenderam-te por engano, dize, não me lembra já bem...? Tu eras carola, pois não eras? Eu cá sou anarquista. O mundo é uma choldra. Mas estou com os republicanos para pregar com a Monarquia de cangalhas. Olha, tu, sejas que não sejas revolucionário, lembra-te que o calado é o melhor. E digo-te adeus, que tenho um *rendez-vous* no Tavares. Para ires à Rua do Passadiço segues por aí fora, fora, até encontrares a Rua da Esperança do Cardal. Lê-se o nome na placa, parece-me bem. Mas, ouve, não te canses de andar, que esta rua é das mais compridas de Lisboa — e apontava-me a artéria que passa à ilharga da Casa de Garrett, cuja bela ordenança, em frente, me recreava os olhos.

— Vasco da Gama também foi à Índia...

— Dizem que foi, não sei. Percebeste? Chegado à Rua da Esperança, vais, vais por ela a cima até topar outra que está para as ruas que vão de baixo como a barra para a perpendicular. É a Rua do Passadiço. Não tem que errar. Se o quarto não servir, volta a ler o *Notícias*. Há mais anúncios que inquilinos. Não te prendas... Manda sempre — e, depois de me estender a mão com rapidez, rodou pelo caminho que trouxéramos.

Comecei a palmilhar a rua mesteiral, com quitandas entremeadas de palácios esplêndidos. Ao passar pelo Coliseu, a fantasia, romanceando o que a palavra «coliseu» cristalizara desde longe no meu espírito graças aos seus mágicos fonemas e ao prestígio que herdara da latini-dade, exaltava-se com a realidade que nestas e noutras coisas a cada passo revestia a minha iniciação da urbe. À ideia de teatro associei a ideia de lindas mulheres decotadas e recordei-me de Estefânia e o meu peito sangrou. Onde estaria àquela hora a minha Dalila sem tesouras? Teria eu alguma vez a sorte de me vingar dela? Muitas mulheres, lindas mulheres se cruzavam no meu caminho, e acudiu-me que por obra e graça duma boa fada — que pode havê-las imprevistas nos meandros do nosso destino — talvez fosse defrontar com uma que me substituisse Celidónia, a inefável, ou a outra que continuava encastoadada na minha carne. Com efeito, o fluxo dos transeuntes, subindo uns, descendo outros, era irregular e denso como dos rios que nunca secam. Bonitas caras algumas, moldadas por gerações e gerações de *habitat* urbano, com um misto de cecém e pervinca; grandes olhos, por vezes

em amêndoa; nariz nem arrebitado, nem adunco, antes direito e fino de arestas; boca voluntariosa; cabelos pretos sem ousar ao azeviche; certa expressão fisionómica hesitante entre meiguice e melancolia; estatura sobre o mediano; meneio leve, muito levemente balanceado das anquinhas: onda, palanquim, primeiro elemento do saricoté tropical — eu dava conta que no tipo feminino de Lisboa deviam flutuar estes predicados e certamente outros que me escapavam. Nas caras das raparigas não podia entrever outra coisa que não fosse indiferença pelo meu ar patego e bisonho, mas nem por isso deixava de sentir o grande regalo de bater a bota no chão em que está escrita uma das maiores páginas da história. As sombras à roda do meio-dia pareciam de negro retinto, e pelo meio da rua o sol era tal qual um requife de oiro que ninguém se arrisca a pisar. Passava um burro ajoujado de hortaliça, uma caleça com o senhor que iria para um enterro, e o galão voltava ao gozo da intangibilidade, com o refervedoiro, à margem, duma população que se me afigurava trabalhada acima de tudo pelo pensamento roaz da manutenção.

Afoitei-me a entrar numa loja de malas e outros artigos de viagem. Tinha reconhecido que o saco que trouxera me refugava à condição de embarcação, qualquer Manel Chiné de aldeia, abroeirado, pobre e de letras gordas. Todo o dinheiro que possuía comigo limitava-se às sobras daquele estipêndio que o lacaio de Miguel Malafaia me contara para cima da mesa com um arreganho que eram as vertalhas da sobrançeria dominial para a sua alma sabuja:

— Aqui está o ordenado. Se não acha bem, tenho ordem de meu amo para me entender com seu pai...

Para mala de cabedal com pregos amarelos, destes trastes que na mão dum fabiano, decentemente vestido, equivalem a pedra de armas, não chegava o meu pecúlio desfalcado com as larguezas absurdas daquela meia dúzia de dias. Mas adquiri uma sobre o modesto de lona e coiro, dentro da qual o meu taleigo se sumiu como um recruta labroste no uniforme do casão.

E de mala em punho marinhaei o bairro que me recordava Almocave com as casas desataviadas e plácidas, de dois andares as mais altas, chumecos torcidos sobre as meias-solas, os liços ensebados entre os beijos, meninos de zimbório nu patinhando na água que gotejava das bocas-de-incêndio, pequenos interiores resguardados do olho curioso

pela cortininha de repes, e às portas, a discutir a carestia da vida, mããs em assembleia. Mal mordiscava o silêncio um buliciozinho de nada, semelhante à trituração do caruncho, dum viver que se prolongava para pequenas hortas claustrais, onde à beira do poço, com o balde suspenso da roldana, se viam verdejar duas nespereiras, e se jogava o chinquillo e bailaricava nos dias de festa da folha ulissiponense.

Mesmo no tope da Rua da Esperança do Cardal, uma casa de dois andares com janelas amplas de sacada, panos a azul-esvanescente e um ar de boa-serás como inculcam certos asilos pobres de meninos, correspondia ao anúncio da gazeta. Fruteiras anémicas erguiam ao céu ramos despídos, zincados pelos Dezembros. E, nada mais que por esses e outros jardinzecos agenciados no talude, eu compreendi de salto o movimento sinuoso da rua, obrigada a todo o correr a inscrever-se na rocha viva que cresce em aclive para o Campo de Santana.

Não me desagradou o sítio com a sua bucólica bastarda, mas igual impressão não tive quando a porta girou nos engonços e defronte de mim se apresentou uma mulherzinha sobre o obeso, caíada literalmente a pó cor-de-rosa, dentro dum roupão violáceo semeado de malmequeres doirados, sapatos tão roxos que nem confeccionados com a túnica do Senhor dos Passos, cabelos enrolados em regueifa para a nuca, e uma idade vaga, infixa como o *yem* dos teólogos, oscilando na mais temerária das hipóteses entre trinta e cinquenta anos. Com a pressa de abrir, trazia nas mãos ensanguentadas de estranguladora o borrachinho que estava a depenar. À sua cauda surgiu logo a criada, uma cara de fuinha sobre um tronco de tábua costaneira. Percebi que a locatária era espanhola e armava em grande dama.

O quartozinho, ascético de todo, mas limpo, encheu-me as medidas. Entrámos em negociações e de parte a parte fomos declinando dados e informes que facilitassem o comércio pessoal dos contratantes. Ela era a Sr.^a D. Pepa Cienfuegos, viúva dum antigo adido da Legação de Espanha, e vivia só com a criada. Alugava aquele quarto não porque precisasse de todo em todo, embora um real que entrasse fizesse jeito nos tempos difíceis que corriam, mas em suma porque eram duas mulheres e precisavam em casa dum *muchacho valiente*, sério, regradinho e que se deitasse a horas, para não ficarem desamparadas de noite. D. Pepa tinha muito medo de ser assassinada, e claro está que arvorava guarda do

corpo o seu inquilino. Quem era eu? Prestei todos os esclarecimentos e mais um, e ela a certa altura prorrompeu:

— *Bueno, traiga usted el equipaje!*

Quando lhe observei que não tinha outra, tirando-me a mala da mão e pespegando-a em cima da pequena escrivaninha, suponho que para me proporcionar o seu emprego, pois não via cómoda nem armário onde arrumar as duas peças de bragal que trazia, tornou-me com a mesma voz satisfeita:

— *Bien está!*

Num momento das evoluções de D. Pepa, dei conta que coxeava. Reconheço a minha inferioridade em nutrir uma antecipação absurda pelos que coxeiam e suponho que me veio a tara ao avaliar as malas-artes de Mercúrio, deus das alicantinas e patifarias, que arrastava a perna tão lastimosamente. Ela claudicava e o aleijão, pareceu-me, ajudava a compor o seu retrato. Eu estava embaçado a olhar-lhe para os pés, a olhar-lhe para os dedos grossos, dedos fatais, e ela, julgando que fazia reparo ao sangue inocente que lhe mascarrava as mãos — uma série de tipo facinoroso com o Passarinho Assado — explicou que a receita dos facultativos o seu comer era pombinhos. Todos os dias tinha de sacrificar os pobritos dos *palomitos*. Sofria duma dispepsia muito grande, uma dispepsia rebelde a todas as medicinas.

— *Le aseguro que siento hondamente esta prescripción clínica, pero que voy a hacer?! Le digo, señorito, que todo es sencillo y respetable en la paloma. Si no fuera así, la Tercera Persona de la Trinidad, el Paráclito, no hubiera tomado su forma sobre las aguas del Jordán. Verdad? Paloma de los cantares se nombra aún à la Madre del mismo Dios. Es usted versado en la Biblia? Si lo es, sabrá que hubo una hambre rabiosa en Samaria y hasta se llegó a comer la palomina. Nuestro rey Alfonso XII bartabase de comer pichones. Yo, desgraciada de mi, los como porque quiero cumplir hasta el fin mi calvario en este valle de lágrimas. Mas cuando lo hago, me acuerdo del divino pajarito y me parece comulgar al mismo Dios.*

«Ámen», estive eu tentado a dizer para fecho da inesperada homília.

Pois que era coxa, dispéptica, mais adiantada em relação à vida eterna do que represa à carne pecadora, pela certa firme na fé e nos mandamentos da Santa Madre Igreja, estava livre de esta Pepa me fazer guerra. Consequentemente, a batalha da paz, como lhe chamam os políticos, de antemão estava ganha e bem ganha.